

VICTOR HUGO

Os miseráveis

Tradução, adaptação e apêndice:
Silvana Salerno

Ilustrações:
Renato Alarcão

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2014 by Silvana Salerno
Copyright das ilustrações © 2014 by Renato Alarcão

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Les misérables

Capa
Celso Koyama
sobre ilustração de
Renato Alarcão

Indicação editorial
Fernando Nuno

Preparação
Beatriz Antunes

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Salerno, Silvana

Os miseráveis / Victor Hugo ; tradução, adaptação e
apêndice Silvana Salerno ; ilustrações Renato Alarcão. — 1ª
ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: Les misérables.
ISBN 978-85-65765-46-6

I. Literatura infantojuvenil I. Hugo, Victor, 1802-1885
II. Alarcão, Renato III. Título.

14-08376

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Convite a ler 7

Os miseráveis

Primeira parte 11

1. O viajante 13
2. A pousada 20
3. Jean Valjean 25
4. Um turbilhão na cabeça 31
5. A taverna dos Thénardier 34
6. Tio Madeleine 37
7. O inspetor Javert 42
8. Fantine 48
9. A prisão de Fantine 54
10. O julgamento 62
11. O triunfo de Javert 68
12. O afogamento de Jean Valjean 73

Segunda parte 79

1. Cosette 81
2. A boneca 87
3. A caça 96
4. A perseguição e o abrigo 102
5. Marius 108
6. Reviravoltas 117
7. Quando o impossível acontece 125
8. O cerco se fecha novamente 134
9. A cilada 139

10. O jogo vira **149**
11. A casa da Rue Plumet **157**
12. Os sustos de Cosette **162**
13. O pequeno Gavroche **168**
14. A fuga **178**

Terceira parte **185**

1. Amor e perigo **187**
2. Avô e neto se encontram **194**
3. As barricadas **198**
4. O que um espelho pode revelar **205**
5. Gavroche e Marius enfrentam o tiroteio **211**
6. Os esgotos de Paris **216**
7. O desvario de Javert **222**
8. Surpresa **229**
9. Guinadas do destino **233**

Por trás do clássico **241**

A vida do autor de *Os miseráveis* **243**

História e literatura **247**

Fatos, figuras e locais históricos **253**

O Romantismo e Victor Hugo **258**

Enquanto isso, no Brasil... **261**

Obras de Victor Hugo em português **264**

Primeira parte

1

O viajante

Em 1815, Charles-François Myriel era bispo de uma cidade francesa chamada Digne. Charles era filho de um juiz e conselheiro do Parlamento; como deveria herdar o cargo do pai, casou-se cedo, aos dezoito anos. Em 1789, com a Revolução Francesa, muitos juizes foram perseguidos e expulsos. Charles Myriel emigrou para a Itália, onde sua mulher logo morreu. Ninguém sabe dizer exatamente o que aconteceu com ele — talvez a dissolução da família nobre, ou a violência durante o Terror, de 1793 a 1794 —, mas o fato é que ele se tornou padre e depois bispo. Em 1804 voltou para a França e foi nomeado pároco da igreja de Brignolles.

Em Digne, o palácio episcopal ficava ao lado de um pronto-socorro bastante precário, com leitos muito próximos uns dos outros. O bispo não teve dúvidas: mandou transferir o hospitalzinho para o palácio episcopal e alojou-se numa casa pequena. Dedicou-se a aumentar o número de leitos e o equipamento do hospital, destinando a maior parte do seu salário à assistência médica e aos pobres.

Logo começaram a bater à sua porta: uns para dar, outros para receber. Por isso ele foi apelidado de monsenhor Bem-Vindo, e gostou do apelido. Dizia que “Bem-Vindo” diminuía a importância do título de monsenhor.

Vendeu a carruagem da diocese para dar o dinheiro aos pobres, mas não deixou de visitar as igrejas da

região. Ia a pé, a cavalo ou de charrete. Tratava a todos, nobres e pobres, da mesma forma. Era bondoso e humilde com as pessoas que o procuravam. Aos problemas que lhe apresentavam, indicava uma solução conciliadora ou uma ideia renovadora. E tinha humor. Talvez por isso aparentasse muito menos do que os setenta e cinco anos que tinha.

Vivia muito frugalmente com sua irmã Baptistine e a criada Magloire, graças à economia que a criada fazia e à boa administração da irmã. Sua casa extremamente simples era aberta a todos, pois nem trinco tinha na porta. A única riqueza que possuía eram dois castiçais e seis talheres de prata — a herança da família.

Bem-Vindo não era um intelectual. Não se preocupava com filosofia nem com questões metafísicas; gostava de agir. E agia com o coração.

14

No início de outubro de 1815, pouco antes do pôr do sol, um viajante chegou a pé à cidade de Digne. Seu aspecto era assustador. Por onde passava, ele causava espanto. Era um homem forte, de altura média, com seus quarenta e seis anos. Um boné de couro escondia-lhe parte do rosto. A camisa, de tecido grosseiro, deixava o peito cabeludo à mostra. As calças de brim estavam rasgadas e a malha, esfarrapada. Não tinha meias. Carregava às costas uma grande mochila e um cajado na mão. A barba estava crescida e a cabeça, raspada. O suor e o pó da estrada pioravam seu aspecto.

Ninguém o conhecia na cidade. Seguindo a lei, apresentou-se à prefeitura para se identificar. Em seguida, foi para a estalagem de Labarre, a melhor da região. Entrando, sentiu o aroma da comida: Labarre

preparava o jantar. Quando ouviu a porta se abrir, o estalajadeiro perguntou, sem tirar os olhos das panelas:

— O que deseja, senhor?

— Comer e dormir — respondeu o homem.

— Nada mais fácil — disse. E, olhando para o recém-chegado, acrescentou: — Só é preciso pagar.

— Tenho dinheiro — disse o homem, mostrando uma bolsa de couro.

— Nesse caso, estou às ordens.

O viajante tirou a mochila das costas e sentou-se perto da lareira. Como Digne fica nas montanhas, nos Alpes franceses, as tardes de outono são bem frias.

Mesmo atarefado, Labarre não tirava os olhos do desconhecido. Pegou um lápis, escreveu algumas linhas num pedaço de jornal e entregou a seu ajudante. Falou alguma coisa no seu ouvido, e ele saiu correndo para a prefeitura. O forasteiro não percebeu nada.

— O jantar vai demorar? — perguntou ele.

— Não demora, não — respondeu Labarre.

Pouco depois, o ajudante voltou com um bilhete. O estalajadeiro leu, pensou um pouco e disse para o homem:

— Senhor, não posso hospedá-lo.

— Por quê? Tem medo que eu não pague? Posso pagar adiantado.

— Não tenho quarto disponível.

— Eu durmo na estrebaria.

— Os cavalos ocupam todo o espaço.

— Eu fico num canto qualquer. Depois do jantar, poderemos resolver isso — disse o homem.

— Não posso lhe servir o jantar — disse Labarre.

— Não pode me servir o jantar?! — exclamou o viajante. — Caminhei o dia inteiro, estou morto de

fome e de cansaço. Pretendo pagar e mesmo assim não posso jantar?

— Não tenho nada para servir.

O homem deu uma gargalhada.

— E o que é isso que está no fogo? — disse, apontando as panelas.

— Essa comida já está reservada...

— Estou com fome e aqui é uma estalagem; não saio daqui sem comer.

Labarre se aproximou do homem e falou no ouvido dele num tom que o fez estremecer:

— Vá embora!

O viajante ficou surpreso. E o estalajadeiro continuou:

— Já sei quem você é. Seu nome é Jean Valjean.

16 Logo que chegou, eu desconfiei. Mandei indagar na prefeitura e eles me responderam. Aqui está. Sabe ler? — disse, mostrando-lhe um papel.

O homem deu uma olhada no papel. Labarre continuou:

— Costumo ser bem-educado com todos. Por isso, volto a lhe dizer: vá embora!

O desconhecido abaixou a cabeça, pôs a mochila nas costas e saiu.

Humilhado, perambulou pela rua principal. Se tivesse olhado para trás, teria visto Labarre na porta da estalagem, rodeado pelos hóspedes, apontando-o com a mão. E teria percebido que logo toda a cidade saberia quem ele era. Mas o homem não viu nada disso. Continuou andando a esmo até que a fome apertou. Logo avistou uma taverna, mas desta vez não entrou pela frente; deu a volta e abriu timidamente a porta dos fundos.

— Quem está aí?

— Alguém que quer jantar e dormir.

— Pode entrar.

Enquanto ele tirava a mochila, todos o observavam.

— Venha se aquecer junto ao fogo — disse o taverneiro. — Logo o jantar estará pronto.

O homem sentou-se perto da lareira, estendendo os pés machucados de tanto andar. Ao sentir o aroma apetitoso da comida, uma leve expressão de contentamento surgiu em seu rosto. Mas um peixeiro que estava na taverna o havia visto na estalagem de Labarre e contou ao taverneiro o que acontecera.

— Vá embora daqui! — disse o dono da taverna.

O viajante olhou para ele e respondeu com delicadeza:

— Ah! O senhor já sabe?...

— Sei!

— Não quiseram me hospedar na outra estalagem.

— E eu o estou mandando embora!

— Para onde quer que eu vá?

— Para longe daqui!

O homem pegou o cajado e a mochila e saiu. Na rua, alguns garotos que o haviam seguido desde a outra estalagem atiraram-lhe pedras. Ele os ameaçou com o cajado e os moleques saíram correndo. Seguindo seu caminho, avistou a cadeia. Parou na porta e puxou uma sineta que estava presa a uma corrente. Uma janelinha se abriu.

— Senhor carcereiro — disse, tirando o boné —, poderia me dar abrigo esta noite?

— A cadeia não é hotel! Trate de ser preso e dormir aqui.

O viajante continuou caminhando. Anoteceu e o vento frio dos Alpes começou a soprar. Num dos

jardins, viu uma cabana baixa, com uma abertura pequena. Pulou a cerca de madeira e se aproximou.

“Deve ser o local onde guardam as ferramentas”, pensou. Estava com fome e frio e decidiu se abrigar na cabana, para se proteger do vento, pelo menos. Entrou rastejando, encontrou uma cama de palha e deitou-se com a mochila nas costas. Poucos minutos depois, ouviu um rosnar feroz; levantou a cabeça e viu um cachorro enorme. O forasteiro tinha entrado na casinha do cachorro!

Graças à força e à habilidade que possuía, conseguiu se defender do cão, usando o cajado como arma e a mochila como escudo. De novo na rua, deixou o corpo cansado cair em cima de uma pedra.

— Valho menos que um cachorro! — disse em voz alta.

18

Mas logo voltou a caminhar, em busca de uma árvore sob a qual pudesse se abrigar. Eram oito horas da noite; as ruas estavam vazias. Andando a esmo, de repente se viu na praça da catedral. Morto de cansaço, deitou-se num banco. Nesse momento, uma senhora que saía da igreja foi até ele.

— Que está fazendo aí, senhor? — perguntou, com delicadeza.

— Estou deitado, como a senhora pode ver.

— Nesse banco?

— Durante dezenove anos dormi num colchão de madeira; hoje, durmo num colchão de pedra.

— Foi soldado? — perguntou ela.

— Sim, senhora; fui soldado.

— Por que não vai para uma estalagem?

— Porque não tenho dinheiro.

— Já pediu pousada para alguém?

— Bati em todas as portas. Ninguém quis me abrigar.

— Já bateu naquela porta? — perguntou a mulher, apontando uma casinha ao lado do palácio episcopal.

— Naquela, não.

— Pois então vá até lá.

2

A pousada

O bispo passara a tarde no quarto, trabalhando num livro que vinha escrevendo. Às oito horas da noite, interrompeu o trabalho para jantar. Quando entrou na sala, a criada conversava com sua irmã sobre um tema costumeiro: a falta de trinco na porta de entrada. Ela dizia que, ao fazer compras, ficara sabendo que um homem mal-encarado estava na cidade.

— Todo mundo está com medo, monsenhor!
— disse a criada. — E esta casa não tem segurança nenhuma. Se o monsenhor permitir, ainda hoje vou chamar o serralheiro para colocar um trinco na porta.

Nesse momento, bateram à porta.

— Entre — disse o bispo.

A porta se abriu. E por ela entrou o homem que já conhecemos. Seu olhar era rude e violento, mas denotava cansaço. O fogo da lareira o iluminava, fazendo dele uma aparição sinistra. A criada estremeceu. A irmã a princípio se assustou, mas, ao ver a expressão tranquila do bispo, acalmou-se. O dono da casa ia abrir a boca para falar, quando o desconhecido disse em voz alta:

— Meu nome é Jean Valjean. Sou ex-presidiário. Cumpri pena de dezenove anos nos trabalhos forçados das galés. Estou livre há quatro dias e há quatro dias estou caminhando. Meu destino é Pontarlier. Quando cheguei aqui, procurei hospedagem, pois não aguentava mais de cansaço, fome e frio. Na primeira estalagem, não quiseram me receber; na segunda,

também não. Pedi para dormir na prisão, mas não me deixaram. Tentei dormir numa casa de cachorro e fui expulso pelo cão. Deitei-me no banco da praça, e uma senhora me indicou esta casa para eu pedir pousada. O que é isto aqui? Uma estalagem? Tenho dinheiro, posso pagar. Estou morto de fome e de cansaço. Posso ficar?

— Ponha mais um prato à mesa — disse o bispo para a criada.

O homem ficou surpreso. Deu três passos à frente e insistiu:

— Desculpe, não sei se entenderam. Sou ex-presidiário, como podem ver pelo meu documento. Querem ler? Eu posso ler, aprendi nas galés. Vejam o que está escrito: “Jean Valjean cumpriu pena de prisão por roubo durante cinco anos e mais catorze anos por quatro tentativas de fuga. É um homem muito perigoso”.

O desconhecido ficou desorientado com a recepção inesperada.

— Todos me expulsaram — continuou. — O senhor pode me alojar? O senhor pode me dar comida e me deixar dormir em algum canto? Tem uma estrebaria aqui?

— Arrume a cama de hóspedes — disse o bispo à criada. E então voltou-se para o homem: — Senhor, sente-se e se aqueça. Vamos jantar daqui a pouco.

O homem estava atônito. Só então compreendeu o que se passava. Começou a balbuciar como um louco:

— Posso ficar? De verdade? O senhor não vai me expulsar? E ainda me chama de “senhor”? Vou jantar! Dormir numa cama com lençóis e traveseiro! Há dezenove anos que não durmo numa cama. Os senhores

são pessoas boas. Tenho dinheiro, eu pago o que o senhor quiser. Desculpe, senhor, como se chama? O senhor é estalajadeiro, não é?

— Sou padre e moro aqui — disse o bispo.

— Padre? Claro, o padre dessa igreja grande. Como sou bobo! Não havia reparado na sua roupa — disse o homem apoiando a mochila e o cajado a um canto.

A criada olhava-o com aprovação.

— Senhor padre, o senhor tem bom coração; não me tratou com desprezo. Não quer que lhe pague? Tenho cento e nove francos e quinze cêntimos.

— Não, fique com seu dinheiro.

— Cento e nove francos e quinze cêntimos é o dinheiro que ganhei durante dezenove anos de trabalho forçado.

22

— Dezenove anos! — exclamou o bispo. Em seguida, acrescentou: — Este lampião ilumina mal!

A criada compreendeu o que ele queria dizer e foi buscar os dois castiçais de prata.

— O senhor é muito bom — disse o homem. — Abriga-me em sua casa, manda acender os castiçais de prata... Mas eu já lhe disse quem sou.

— Não precisava me dizer quem era. Esta casa não é minha, é de Jesus. Aqui, não perguntamos o nome a quem entra, mas se tem algum sofrimento. O senhor está com frio e fome, seja bem-vindo. E não me agradeça por isso. O dono desta casa não sou eu, é a pessoa que precisa de abrigo. Tudo o que está aqui é seu. Além do mais, eu já sabia seu nome.

O homem arregalou os olhos.

— O senhor já sabia meu nome?

— Sabia — disse o bispo. — Seu nome é irmão.

— Senhor, quando cheguei aqui estava morrendo

de fome, mas fui recebido com tanta bondade que já não sinto mais fome.

O bispo olhou-o nos olhos.

— O senhor deve ter sofrido muito!

— Sim! Uma bola de ferro nos pés, trabalho pesado, uma tábua como cama... pancadas, calabouço por qualquer palavra e o tempo todo acorrentado, mesmo quando estava doente. Dezenove anos! Eu tenho quarenta e seis. E, ainda por cima, esse documento amarelado, que mostra que sou ex-presidiário. Uma tristeza!

— O senhor vem de um lugar triste. Mas lembre-se de que, se tiver pensamentos de ódio e raiva contra os homens, não progredirá; se tiver pensamentos de bondade e paz, valerá mais que qualquer um de nós — respondeu o bispo.

O jantar foi servido. Sopa, pão de centeio, queijo, figos e vinho. O bispo fez uma oração e em seguida serviu a sopa, como de hábito. O homem começou a comer com avidez. De repente, o bispo exclamou:

— Está faltando alguma coisa na mesa!

A criada compreendeu. Quando havia visitas, eles tinham o hábito de colocar os seis talheres e ela só havia colocado três. Saiu da sala imediatamente e voltou com os outros três talheres de prata. O bispo retomou a conversa.

— O senhor vai para Pontarlier?

— Amanhã cedo partirei — disse o homem.

— Pontarlier é uma ótima cidade. Há fábricas de papel, relógio, aço e cobre, curtumes, destilarias, oficinas de ferreiro...

Ao fim do jantar, o bispo acompanhou o hóspede até o quarto. A casa era dividida de tal forma que era preciso passar pelo quarto do bispo para chegar ao quarto de hóspedes. Quando atravessaram o quarto

do bispo, a criada estava guardando os talheres de prata na cômoda.

O homem mal podia acreditar no que via: uma cama arrumada com lençóis limpos e boas cobertas, especialmente para ele.

— Tenha uma boa noite! — disse o bispo. — Amanhã cedo, tome um copo de leite antes de sair.

— Obrigado, senhor padre.

De repente, o homem mudou de atitude. Voltou-se bruscamente para o bispo e disse com olhar selvagem:

— Vou dormir ao lado de seu quarto. E se eu for um assassino?

— Isso é com Deus — disse o bispo, abençoando o homem.

O viajante apagou a vela e adormeceu imediatamente. O bispo saiu para o quintal. Andou, contemplou as plantas e meditou. À meia-noite, foi se deitar.